

CATEQUESE As inscrições para a Catequese já estão abertas! O formulário pode ser obtido no site da Paróquia (www.paroquiasfxavier.org) e enviado por email para catequese@paroquiasfxavier.org.

A versão em papel está disponível no Secretariado Paroquial e na Igreja de Caselas. As actividades da Catequese iniciam-se a 10 de Outubro. O horário, ainda provisório, pode ser consultado no site da Paróquia, no Secretariado e na Igreja de Caselas. Recomenda-se a consulta frequente, pois o horário vai sendo actualizado ao longo das próximas semanas.

MISSA À SEGUNDA-FEIRA Neste ano pastoral não haverá Missa à segunda-feira na Igreja Paroquial.

PROCISSÃO A 13 DE OUTUBRO As Paróquias de S.F. Xavier e de Sta. M. Belém promovem uma Procição em honra de N. Sra. de Fátima, no âmbito do encerramento da comemoração do centenário das Aparições. Será no dia 13 de Outubro, sexta-feira, com início às 21h00. A concentração e partida será na Igreja de S. Francisco Xavier, rumo ao Mosteiro dos Jerónimos, onde terá lugar a oração final de consagração a Nossa Senhora.

Percorso: Rua João Dias – Av. Ilha da Madeira – Rua dos Jerónimos. **Regresso:** Após a oração final nos Jerónimos, o regresso será assegurado por transporte solidário. Se desejar beneficiar deste transporte, inscreva-se por favor no cartório paroquial. Estão abertas inscrições para o transporte do andor de Nossa Senhora. Também se recebem inscrições para os paroquianos que desejem colaborar de quaisquer outras formas. Participe! Convide os seus vizinhos, familiares e amigos!

CANTAR NA MISSA Gosta de cantar?

Ofereça-se para cantar como solista ou para integrar (ou constituir) um coro em cada uma das Missas dominicais: **domingo**, às 12h00 e 18h30; **sábado**, às 18h30. Alguns grupos têm-se oferecido para cantar uma vez por mês ou ocasionalmente, nas missas da tarde.

A paróquia agradece a disponibilidade e boa vontade destes coros, mas vamos apontar para formar um coro estável, ou pelo menos para a participação de

EVANGELHO DESTE DOMINGO:

MT 18, 21-35

Naquele tempo, Pedro aproximou-se de Jesus e perguntou-Lhe: «Se meu irmão me ofender, quantas vezes deverei perdoar-lhe? Até sete vezes?». Jesus respondeu: «Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete. Na verdade, o reino de Deus pode comparar-se a um rei que quis ajustar contas com os seus servos. Logo de começo, apresentaram-lhe um homem que devia dez mil talentos. Não tendo com que pagar, o senhor mandou que fosse vendido, com a mulher, os filhos e tudo quanto possuía, para assim pagar a dívida. Então o servo prostrou-se a seus pés, dizendo: 'Senhor, concede-me um prazo e tudo te pagarei'. Cheio de compaixão, o senhor daquele servo deu-lhe a liberdade e perdoou-lhe a dívida. Ao sair, o servo encontrou um dos seus companheiros que lhe devia cem denários. Segurando-o, começou a apertar-lhe o pescoço, dizendo: 'Paga o que me deves'. Então o companheiro caiu a seus pés e suplicou-lhe, dizendo: 'Concede-me um prazo e pagar-te-ei'. Ele, porém, não consentiu e mandou-o prender, até que pagasse tudo quanto devia. Testemunhas desta cena, os seus companheiros ficaram muito tristes e foram contar ao senhor tudo o que havia sucedido. Então, o senhor mandou-o chamar e disse: 'Servo mau, perdoei-te tudo o que me devias, porque mo pediste. Não devias, também tu, compadecer-te do teu companheiro, como eu tive compaixão de ti?'. E o senhor, indignado, entregou-o aos verdugos, até que pagasse tudo o que lhe devia. Assim procederá convosco meu Pai celeste, se cada um de vós não perdoar a seu irmão de todo o coração».

um pequeno grupo ou mesmo apenas de um solista, em cada missa. Todos os interessados são convidados a participar semanalmente num encontro de formação e ensaio, dirigido pelo maestro Miguel Ângelo Conceição, que terá lugar à quinta-feira, pelas 21h30, na Igreja Paroquial.

O primeiro encontro / ensaio vai ter lugar já no próximo dia 21 de Setembro. Se gosta de cantar e deseja dessa forma colaborar numa das missas dominicais da nossa paróquia, participe!



DOMINGO:

Sir 27, 33 – 28, 9; Rom 14, 7-8
Mt 18, 21-35

SEGUNDA-FEIRA

1 Tim 2, 1-8; Lc 7, 1-10

TERÇA-FEIRA

S. Januário, bispo e mártir da Igreja

1 Tim 3, 1-13; Lc 7, 11-17

QUARTA-FEIRA

SS. André Kim Taegon, presbítero,
Paulo Chang Hasang e

Companheiros, mártires

1 Tim 3, 14-16; Lc 7, 31-35

QUINTA-FEIRA

Festa de S. Mateus, Apóstolo e Evangelista

Ef 4, 1-7. 11-13; Mt 9, 9-13

SEXTA-FEIRA

1 Tim 6, 2c-12; Lc 8, 1-3

SÁBADO

S. Pio de Pietrelcina, presbítero

1 Tim 6, 13-16; Lc 8, 4-15

PRÓXIMO DOMINGO

Domingo XXV do Tempo Comum

Is 55, 6-9; Filip 1, 20c-24. 27ª

Mt 20, 1-16a

SALMO RESPONSORIAL

Salmo 102 (103), 1-2.3-4.9-10.11-12

REFRÃO:

O Senhor é clemente e compassivo, paciente e cheio de bondade

PARÓQUIA DE

SÃO FRANCISCO XAVIER

Rua João Dias, nº 53 | 1400-221 Lisboa

Tel: 210966989

sfxavier@paroquiasfxavier.org

www.paroquiasfxavier.org

17 de Setembro de 2017 Domingo XXIV do Tempo Comum

1019

PERDOAR, PERDOAR SEMPRE



Rembrandt, o Regresso do filho pródigo

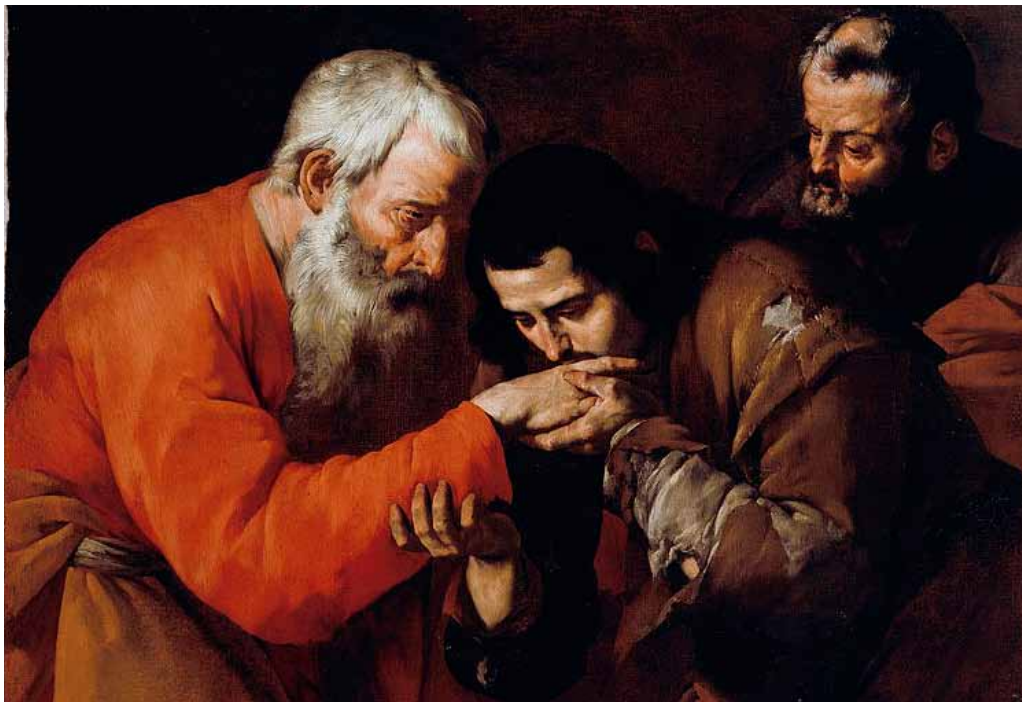
A caridade tudo ama, tudo crê, tudo espera, tudo suporta". Deste modo nos mostra o apóstolo Paulo que, se esta virtude se pode manter com tal firmeza, é por ter sido mergulhada numa paciência a toda a prova. Ele diz ainda: "Suportai-vos uns aos outros no amor, fazendo tudo o que está ao vosso alcance para guardar a unidade de espírito no vínculo da paz".

Não é possível manter nem a unidade nem a paz se os irmãos não se aplicarem a guardar a mútua tolerância e os laços da concórdia graças à paciência. Que dizer ainda, para além de não insultar, nem amaldiçoar, não reclamar o que nos tirarem, apresentar a outra face a quem nos bater, perdoar ao irmão que pecou contra nós, não só setenta vezes sete vezes, mas esquecendo todos os seus erros, amar os nossos inimigos, rezar pelos nossos adversários e pelos que nos perseguem? Como conseguir cumprir tudo isso se não formos firmemente pacientes, tolerantes? Foi o que fez Santo Estêvão quando, em vez de clamar por vingança, pediu perdão para os seus carrascos, dizendo: "Senhor, não lhes imputes este pecado".

S. Cipriano, Os Benefícios da Paciência

NÃO DEVIAS, TAMBÉM TU, COMPADECER-TE DO TEU COMPANHEIRO?

São João Paulo II, *Encíclica «Dives in misericordia»*



Master of the Annunciation to the Shepherds, Neapolitan, The return of the prodigal son

Em todas as fases da história, mas especialmente na época atual, a Igreja deve considerar como um dos seus principais deveres proclamar e introduzir na vida o mistério da misericórdia, revelado no mais alto grau em Jesus Cristo. Este mistério é, não só para a própria Igreja, como comunidade dos fiéis, mas também, em certo sentido, para todos os homens, fonte de vida diferente daquela que o homem é capaz de construir quando exposto às forças prepotentes da tríplice concupiscência que nele operam. É precisamente em nome deste mistério que Cristo nos ensina a perdoar sempre. Quantas vezes repetimos as palavras da oração que Ele próprio nos ensinou, pedindo: «Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido» (Mt 6,12), isto é, aos que são culpados em relação a nós!

É realmente difícil expressar o valor profundo da atitude que tais palavras designam e inculcam. Quantas coisas dizem a cada homem acerca do seu semelhante e também acerca de si próprio!

A consciência de sermos devedores uns para com os outros anda a par com o apelo à solidariedade fraterna, que S. Paulo exprimiu concisamente, convidando-nos a suportar-nos «uns aos outros com caridade» (Ef 4,2).

Que lição de humildade não está encerrada aqui, em relação ao homem, ao próximo e também a nós mesmos!

Que escola de boa vontade para a vida comum de cada dia, nas várias condições da nossa existência!

HISTÓRIAS DE PERDÃO

José Tolentino Mendonça

A primeira é contada pelo escritor judeu, prémio nobel da Paz, Elie Wiesel. Na infância esteve prisioneiro em Auschwitz na companhia dos pais, irmãos, amigos. Praticamente só ele sobreviveu. Podemos imaginar até que ponto se sentia espoliado. A partir de 1945, quando a guerra acaba, passa anos em que o único objetivo da vida era procurar uma impossível justiça para o irreparável. «Como foi possível tamanho horror?... Como foi possível!» E a sua vida era isto. Cada dia adormecia e acordava num inferno. Não conseguia encontrar a sua alma. Até que foi falar com um rabino. E o rabino disse-lhe: «Meu filho, enquanto tu não perdoares, continuarás prisioneiro em Auschwitz». E esta palavra redimensionou o seu coração para sempre.

A segunda não é propriamente uma história. É uma oração, uma das mais belas orações que conheço, e que foi encontrada entre os escassos pertences de um judeu, morto precisamente num campo de concentração. Diz o seguinte: «Senhor, quanto vieres na tua glória, não te lembres somente dos homens de boa vontade; lembra-te também dos homens de má vontade. E, no dia do Julgamento, não te lembres apenas das crueldades e violências que eles praticaram; lembra-se também dos frutos que produzimos por causa daquilo que eles nos fizeram. Lembra-te da paciência, da coragem, da confraternização, da humildade, da grandeza de alma e da fidelidade que os nossos carrascos acabaram por despertar em cada um de nós. Permite, então, Senhor, que os frutos em nós despertados possam servir também para salvar esses homens».

A terceira história é esta: uma mulher vai a uma pastelaria de um centro comercial encomendar um bolo para o aniversário do filho. Como qualquer um de nós faria, deixa lá o seu nome e um contacto telefónico. Só que, exatamente na manhã do aniversário, o miúdo é atingido por um automóvel, entra em coma e morre. O pasteleiro não faz ideia do que se passa. Sabe apenas que aquela

mulher encomendou um bolo que não veio buscar. Começa a persegui-la nos dias seguintes com chamadas anónimas. A mulher, por um acaso, descobre que é ele o autor dos telefonemas e, em pleno trauma pela morte do filho, decide ir com o marido ao centro comercial dar-lhe uma lição. No primeiro momento do encontro, só se vê, de facto, o confronto da ira dela com o ressentimento do pasteleiro. Mas, quando Ann diz o que ele não sabe, a fúria descongestiona-se dando lugar a outra coisa.

- Deixem-me dizer-vos a pena que sinto – disse o pasteleiro, pondo os cotovelos em cima da mesa. – Só Deus sabe quanto lamento. Oíçam lá, eu sou apenas um pasteleiro. Não pretendo ser outra coisa... Isso não vai justificar aquilo que fiz, eu sei. Mas sinto profundamente... Têm de compreender que tudo se resume ao facto de eu já não saber como atuar. Por favor, deixem-me perguntar-vos se posso encontrar perdão nos vossos corações.

Fazia calor na pequena pastelaria. Ann e o marido tiraram os casacos. O pasteleiro colocou umas chávenas sobre a mesa. Eles sentaram-se. E, muito embora estiverem cansados e angustiados, começaram a ouvir o que aquele homem tinha para dizer. – Provavelmente, precisam de comer alguma coisa – disse o pasteleiro. – Espero que comam uns pãezinhos quentes, feitos por mim. Têm de comer e enfrentar a situação. Comer dá um certo conforto, numa ocasião como esta – disse ele.

Continuavam a escutá-lo. Comiam agora devagar um pão escuro e perfumado que o homem lhes abriu, e sentiam com surpresa o seu gosto retemperador e delicado. Pela madrugada dentro, deixaram-se ali a conversar. As luzes fluorescentes do estabelecimento foram substituídas pela luz da manhã, que começou a escorrer pelas janelas. O alimento (nem por acaso se trata do pão) consola, enxuga as lágrimas. Dentro das personagens acontece uma espécie de ressurreição. O perdão abre-nos efetivamente à compreensão do mistério pascal.